

Uma mulher pode fazer muita diferença

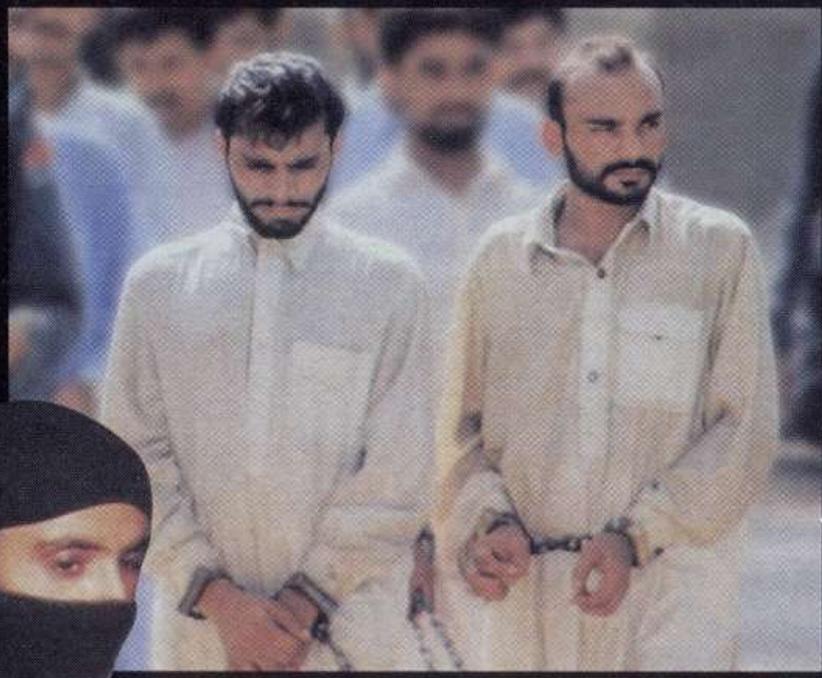
Depois de ter sido estuprada, esta paquistanesa deveria restabelecer a honra da família cometendo suicídio. Em vez disso, Mukhtar Mai decidiu viver, lutar por justiça e ajudar outras mulheres a terem uma vida melhor.

POR ROBERT KIENER

Noite de traição

Em junho de 2002 fazia um calor opressivo na pequena aldeia rural de Mirvala, ao sul da província paquistanesa do Punjab. Não havia brisa, nem chuva, nenhum alívio do sol impiedoso que castigava as estradas precárias, tostando os campos de trigo de um castanho dourado.

Na noite de 22 de junho, Mukhtar Mai, uma aldeã de 28 anos, ia com o pai e o tio por um caminho poeirento até a casa de seus vizinhos de casta superior, os *mastoi*. O poderoso clã protestava que o irmão dela, Shakoore, de 12



Mukhtar Mai e o pai deixam o tribunal logo depois de ela dar o seu depoimento; dois dos estupradores acusados (detalhe) são conduzidos ao julgamento.



anos, fora visto em público com uma mulher *mastoi*. Clamavam que Shakoore envergonhara a família deles, acusavam o menino de haver até mesmo estuprado a mulher e exigiam castigo para restabelecer a “honra” da família.

Naquela tarde, o tradicional conselho da aldeia, o *panchayat*, decidira que Mukhtar poderia apaziguar os *mastoi* mediante um pedido de desculpas pelo alegado crime do irmão. De acordo com um antigo costume, o perdão devia ser concedido àqueles que se desculpassem com sinceridade. Agarrando com força o Alcorão, Mukhtar tremia à medida que se aproximava do conglomerado de habitações muradas dos *mastoi*. *Certamente não me farão mal*, dizia a si mesma. *Afinal, não fiz nada de errado*.

Aos pés de um grupo de homens *mastoi*, alguns brandindo rifles e pistolas, a mulher de fala tranqüila, 1,70 m de altura, estendeu o xale, num sinal de submissão e humilhação. E, com os dedos longos em volta do Alcorão, recitou um verso do texto sagrado que memorizara. *O Alcorão me protegerá*, pensou ela, mantendo os olhos negros, profundos, voltados para baixo.

De repente, ao ver o olhar hostil dos *mastoi*, Mukhtar compreendeu que eles não estavam interessados em desculpas: queriam vingança. Agarrados, o pai e o tio foram postos na mira das armas. Em seguida, arrastaram Mukhtar pelos cabelos até o interior de um estábulo vazio. À medida que era rebocada pelo chão, gritava: “Deixem-me ir, em nome de Alá!”

Uma vida simples

A família de Mukhtar Mai, da casta mais baixa dos *gujar*, gerava escassos recursos dos campos de cana-de-açúcar e trigo que rodeavam sua casa de barro, em Mirvala, uma das aldeias mais pobres do Paquistão. Tinham apenas umas poucas cabras e bois, uma vaca e um pedaço de terra. Não dispunham de luz elétrica, telefone nem água corrente.

Ninguém na família sabia ler ou escrever nem jamais fora à escola. Eram, porém, muçulmanos muito devotos que rezavam cinco vezes ao dia. Mukhtar era excelente em memorizar trechos do Alcorão.

Apesar de às vezes ajudar o pai e os dois irmãos no campo, Mukhtar permanecia a maior parte do tempo em casa, com as duas irmãs, fazendo limpeza, ajudando a mãe a cozinhar *chapattis* (espécie de panqueca feita de farinha de trigo, água e sal), arroz e lentilhas no fogão a lenha, ou criando

Mukhtar com o irmão Abdul Shakoor, cujo encontro inocente com uma jovem da poderosa casta dos *mastoi* desencadeou uma série de acontecimentos terríveis.

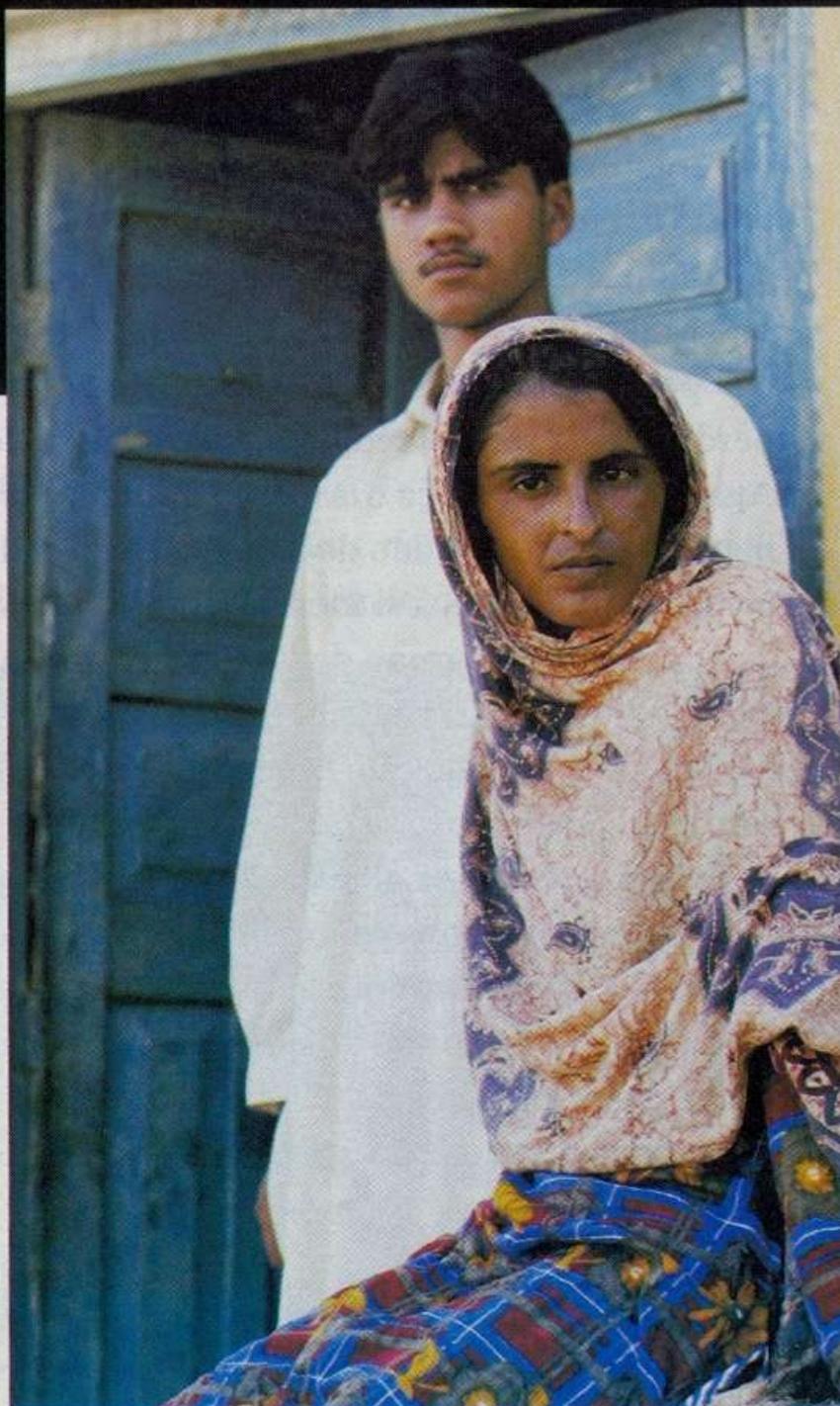
bordados para vender por algumas rupias no mercado.

Quando iam à rua, as mulheres se cobriam com *hijabs* (véus) ou com burcas, de modo a impedir o contato visual com homens da aldeia. A modéstia não era apenas uma virtude, mas uma obrigação. De acordo com a *shariah*, tradicional lei islâmica, a mulher era proibida de andar com qualquer homem que não fosse da família. Violações das leis tradicionais eram tratadas com severidade, e as punições anunciadas pelo *panchayat* local.

Mukhtar desenvolvera um forte senso de certo e errado. O pai, Ghulam, lhe ensinara a respeitar os mais velhos e a proibir de mentir. “Temos muito pouco, mas possuímos nossa honestidade”, dizia-lhe.

Certa vez, estava correndo no quintal, importunando a irmã e espantando os animais, quando a mãe, Bachual, pegou-a pelo braço e disse: “Cuidado, Mukhtar! Deus vê tudo o que você faz!”

Foi algo que a menina nunca mais esqueceu. Muitas vezes, acordava à noite no grosseiro colchão de palha e se perguntava se Deus estava olhando para ela. Por fim, concluiu que sabia como Deus deveria parecer e disse à irmã: “Ele é alto como um rei. Recompensa os que fazem o bem e manda para o Inferno os que praticam o mal.”



Mukhtar se casou com um homem de uma aldeia próxima quando tinha apenas 18 anos. Foi um casamento arranjado, e não uma união feliz. Ao contrário de muitas mulheres em sua posição, Mukhtar decidiu não ficar com um homem que ela não amava.

Um dia, entregou os pontos e disse ao pai que não conseguia mais continuar com aquele casamento. Ghulam, com a pele escurecida por anos de exposição ao sol inclemente, respondeu: “Seu coração há de dizer o que é certo ou errado.” Mukhtar chorou ao ouvi-lo concluir: “Você terá sempre um lar aqui conosco.”

O divórcio era raro no Paquistão rural – a mulher divorciada era malvista –, mas os pais de Mukhtar lhe deram apoio incondicional. Em menos de um ano ela recebeu do marido o *talaq* (na lei islâmica, o repúdio do homem à mulher), que a libertou oficialmente do casamento e a permitiu voltar para a casa da família em Mirvala.

Sem filhos, divorciada e analfabeta, suas chances na vida eram limitadas. Ela, porém, sentia-se fortalecida por ter nas mãos as rédeas de sua vida. Trabalhou com afinco, fazendo bordados e ensinando o Alcorão a crianças, ganhando assim o dinheiro necessário para ajudar os pais a mantê-la.

Com quase 30 anos, Mukhtar já havia se resignado a viver no mesmo lar de sua infância, encontrando alegria numa vida simples de filha, irmã e tia. Então, naquela noite quente e calma, tudo mudou.

O que a honra exigia

Quatro homens *mastoi* estupraram Mukhtar Mai no chão duro e sujo do estábulo. O pai e o tio ficaram lá fora, sem poder fazer nada, ouvindo seus gritos cortarem a noite. Quando Ghulam gritou “Por favor, tenham piedade de nós!”, os *mastoi* simplesmente riram.

Assim que os estupradores acabaram, Mukhtar foi jogada para fora quase nua. Os *mastoi* não temiam ninguém, menos ainda uma camponesa como Mukhtar. Ghulam cobriu-a com o xale e levou-a para casa.

Estuprada, aviltada e coberta de vergonha perante a aldeia, Mukhtar só tinha uma opção. Recorrer à polícia só traria mais vergonha e desonra a sua família. A exemplo de incontáveis outras vítimas de estupro no Paquistão, esperava-se que ela cometesse suicídio. A honra o exigia.

Durante três dias, permaneceu em sua cama de palha, transtornada demais para se levantar ou se alimentar. Recitava versos do Alcorão, mas um pensamento não lhe saía da cabeça: *Tenho de me matar*.

Bachual implorava à filha que vivesse, ficando o tempo todo ao lado dela. “Você precisa comer, Mukhtar”, insistia. Mas Mukhtar estava abatida demais para ter fome. Permaneceu na cama, em posição fetal, o xale puxado com força ao redor do corpo. *Já estou morta*, pensava, chorando.

Quando Mukhtar pediu à mãe que trouxesse o pesticida, Bachual caiu de joelhos, jogou o *hijab* aos pés da filha e gritou. “Pelo amor de Deus, Mukhtar, não faça isso. Apóio você em tudo o que fizer, mas você não pode tirar a própria vida.”

Com a mãe ao lado, Mukhtar recitou mais trechos do Alcorão. Agora eram ambos os pais que queriam que ela vivesse. “Você é nossa filha”, disseram, “não nos abandone.” Deitada na cama onde dormira desde criança, ela rogou a Deus que a ajudasse.

A resposta veio no dia seguinte. O mulá local, Maulul Abdul Razzaq, fez um sermão na mesquita de Mirvala condenando o estupro. Afirmou que fora uma maldade, desgraçara a aldeia e que não podia ser acobertado.

“É preciso notificar a polícia”, disse com bravura, diante de uma escandalizada audiência de homens da aldeia.

Por fim, quatro dias depois do estupro, Mukhtar teve um colapso nervoso e caiu em pranto. Mas não eram lágrimas de vergonha. O pesar que sentira transformou-se em raiva, em ânsia por justiça.

Mukhtar Mai tomou uma decisão: com o apoio de Maulul Abdul Razzaq, contaria à polícia o que lhe acontecera naquele negro chão de estábulo. Juntando o que restara de suas forças, jurou: “Vou enfrentá-los.”

Os mastoi podem me matar, pensou, mas não darei a eles a satisfação de eu mesma fazer isso. Mukhtar escolhera a justiça, em vez da morte.

Clamor por justiça

Quando os *mastoi* souberam que Mukhtar iria dar parte do estupro, ameaçaram matá-la. A polícia levou a família para a delegacia provincial de uma aldeia próxima, Jatoi. À medida que a viatura saía de Mirvala, dois primos de Mukhtar correram ao lado do veículo, implorando a ela: “Não faça isso!”

Mukhtar ignorou os apelos. *Os mastoi não podem me fazer mais nada de pior*, pensou, enquanto o carro buzina para afastar os bois da estrada poeirenta. *Eles têm de ser punidos*.

Contar a história do estupro a estranhos – principalmente homens – ia quase além do que ela era capaz de suportar, mas a presença do mulá e da família lhe deu a força de que precisava.

Ao entrarem na delegacia de Jatoi, Bachual deu o braço à filha, num gesto de apoio que lhe dava forças para relatar o acontecido.

Com a voz quase sussurrante e o rosto coberto pelo *hijab*, Mukhtar contou aos policiais os detalhes daquela noite horrível. Sentia-se envergonhada demais, constrangida demais, para olhar nos olhos deles. Relatar o estupro era quase como revivê-lo, e, ao longo das semanas seguintes, ela teria de voltar ao mesmo terror muitas outras vezes.

Graças à corajosa decisão de Mukhtar Mai de contar o crime à polícia, sua história virou notícia, ganhando cobertura, primeiro regional, depois nacional e internacional. Nenhuma outra mulher paquistanesa, em especial uma camponesa analfabeta, jamais se levantara contra seus agressores. A coragem de Mukhtar Mai teve enorme repercussão. Sua imagem, os olhos assombrados espiando por trás do *hijab* verde-claro, apareceu em jornais e telas de televisão do mundo inteiro. Defensores dos direitos humanos do Paquistão marcharam em sua honra, exigindo justiça.

Durante séculos, abusos sexuais e violência contra as mulheres foram comuns no Paquistão. As leis tribais do país, decretadas pelos conselhos das aldeias, há muito faziam vista grossa a esses ataques às mulheres, considerando-os como “reparações” por alegadas faltas. Mesmo nos tempos modernos, mais de cem mulheres são estupradas por bandos, e muitas são mortas todos os anos no Paquistão em nome da “honra”. A maior parte desses crimes permanece sem punição. Mukhtar Mai, porém, estava prestes a quebrar essa tradição.

De repente, Mukhtar tornara-se uma heroína, símbolo dos direitos das mulheres. Ao ver a publicidade que ela gerava, o governo nacional passou a apoiá-la, protegendo sua casa 24 horas por dia, e decidiu também representá-la contra os alegados estupradores, prometendo um processo rápido.

Visitantes, entre as quais outras mulheres que haviam sido estupradas, correram para Mirvala a fim de vê-la. Cada história que ela ouvia renovava-lhe as forças para prosseguir na luta. Uma ministra foi a Mirvala para



Mukhtar abriu uma escola em seu vilarejo a fim de educar meninas paquistanesas analfabetas para que elas não tenham o mesmo destino que o seu.

garantir, em um tom suave, mas firme: “Você terá justiça. Seja corajosa.”

Enquanto isso, Mukhtar se agarrava à sua antiga crença: “Sempre que Alá lhe dá algo ruim, também lhe dá a coragem para lutar contra isso.”

Veredicto surpreendente

“Recebi ordens do governo para lhe dar este cheque de meio milhão de rupias”, disse-lhe Attiva Inayatullah, então ministra federal para as mulheres. “Isto não constitui, de modo algum, uma compensação, mas sim um pequeno símbolo de nossa identificação com o sofrimento pelo qual a senhora passou.”

Mukhtar perdeu a fala quando a ministra lhe entregou o cheque. Embora não pudesse lê-lo – nem jamais havia visto um cheque – sabia que era mais dinheiro (cerca de US\$ 8.200) do que seu pai ganharia em décadas.

Mukhtar, no entanto, levantou os olhos e disse a Inayatullah: “Não preciso de dinheiro.” A ministra estava chocada. “Por favor”, insistiu ela, “fique com ele.”

Ao fim de uma pausa, Mukhtar explicou: “Não preciso de dinheiro. O que realmente preciso é de uma escola.”

A idéia lhe viera à mente ao longo das últimas semanas. Percebera que grande número das pessoas que lhe prestavam solidariedade eram educadas. “É a educação que dá a essas pessoas o poder que elas têm”, disse à mãe, certa noite. Incapaz de ler ou escrever, Mukhtar se sentira impotente.

Concordou, então, em receber o cheque se pudesse usá-lo para construir uma escola para meninas. “Assim, talvez elas não tenham de passar pelo que eu passei”, disse. Quanto mais apoio Mukhtar Mai recebia, mais se sentia fortalecida.

Graças, primeiro, ao amor de sua mãe e de seu pai e, em seguida, do mulá e de todos aqueles estranhos, sentiu-se forte o bastante para enfrentar seus algozes no tribunal.

Assim, no forte calor de uma manhã de julho, 14 *mastoi* algemados foram levados ao tribunal. Mukhtar quase não olhou para eles. Nove eram acusados de ameaçar a vida de Ghulam e os outros de estuprá-la.

“Mentirosa.” A palavra feriu os ouvidos de Mukhtar. Seguidamente, os nove advogados dos *mastoi* acusaram-na de mentir. “Nada aconteceu”, diziam ao juiz. “É pura invenção dela.”

Nos três dias que se seguiram, Mukhtar Mai suportou a agonia de recontar a história da noite em que foi estuprada pelo bando. Mas não esmoreceu nem um momento sequer. Frente a frente com os 14 *mastoi* algemados, contou ao juiz como havia sido estuprada e arremessada para fora do estábulo. Aparentava calma, mas, como diria depois: “Meu coração e meu estômago doíam de vergonha.”

O veredicto saiu em 31 de agosto de 2002, só dois meses depois do estupro. Seis dos *mastoi* foram condenados à morte por sua participação no ataque. Os outros oito foram libertados.

Mukhtar Mai fizera história. No entanto, nem ela nem a família tinham disposição para comemorar. Sabiam que o caso dividira a aldeia, com alguns habitantes acusando-a de ter mentido e trazido desonra para Mirvala. Mesmo assim, todos – até mesmo os que a apoiavam – sabiam que a vida simples da aldeia nunca mais seria a mesma.

Cumprindo a promessa

Ninguém teria acusado Mukhtar e sua família se eles tivessem se mudado de Mirvala após o julgamento. Podiam recomeçar a vida longe do clã dos *mastoi*, que continuaram a lhes ameaçar a vida. Mukhtar, porém, tinha seu sonho. “Uma escola pode mudar vidas”, insistia ela com a mãe.

Mukhtar acreditava que, se fosse possível educar as meninas em Mirvala, nenhuma das quais freqüentara a escola, talvez não tivessem destino semelhante ao seu. A mãe lembrou-lhe que os homens da aldeia não veriam motivo para mandar suas filhas para o colégio. “Você só está arranjando confusão, Mukhtar.”

No entanto, ela estava determinada. Comprou um terreno perto de casa e contratou trabalhadores para construir a escola primária. Misturou-se aos outros, para fazer tijolos de barro e transportá-los para o local da obra. Os aldeões observavam com espanto a Escola-Modelo para Meninas Mukhtar Mai tomar forma na frente deles e abrir as portas em dezembro de 2002. O governo pavimentou a estrada para Mirvala e trouxe luz e telefone. Mukhtar Mai estava fazendo a diferença.

Construir a escola é uma coisa, enchê-la de alunos, outra. Mukhtar logo viu que Bachual estava certa. Era difícil fazer com que os aldeões permitissem às filhas se matricularem. Acompanhada por guarda-costas da polícia, ela foi de casa em casa em Mirvala pedir aos pais que enviassem as filhas para a nova escola. As desculpas que ouvia eram as mesmas: “Meninas não precisam aprender a ler” ou “Só os meninos precisam ser educados.”

Mas Mukhtar era persistente. Se uma família tivesse várias filhas, pediria que apenas uma delas, a princípio, fosse enviada à escola. Ela se comprometia a mandar uma *van* para buscar cada menina.

Por fim, umas poucas garotas se matricularam. Depois vieram outras. A escola não dispunha de luxo: as alunas se sentavam sobre sacos de aniagem, em vez de cadeiras. Quase sem acreditar que seu sonho estava se realizando, Mukhtar se sentava ao lado das outras alunas para, com elas, aprender a ler e escrever.

Quando o dinheiro começou a faltar, Mukhtar vendeu umas poucas coisas que possuía – seus brincos e sua vaca –, mas quando a imprensa noticiou sua história, muitas doações começaram a chegar. Finalmente ela conseguiu contratar carpinteiros para fazer assentos e carteiras de madeira para as alunas.

Mukhtar convocou uma passeata em Multan, menos de uma semana depois que cinco de seis dos seus estupradores foram declarados inocentes.

Ventiladores de teto ajudavam a tornar tolerável o sufocante calor das salas de aula.

Melhor ainda, agora Mukhtar tinha dinheiro para construir novas salas de aula. Em um ano, ela abriu uma escola para meninos em Mirvala e outra para meninas numa aldeia próxima.

Por fim, mais de setecentas crianças de todas as castas misturavam-se livremente nas escolas, inclusive, várias do clã *mastoi*.

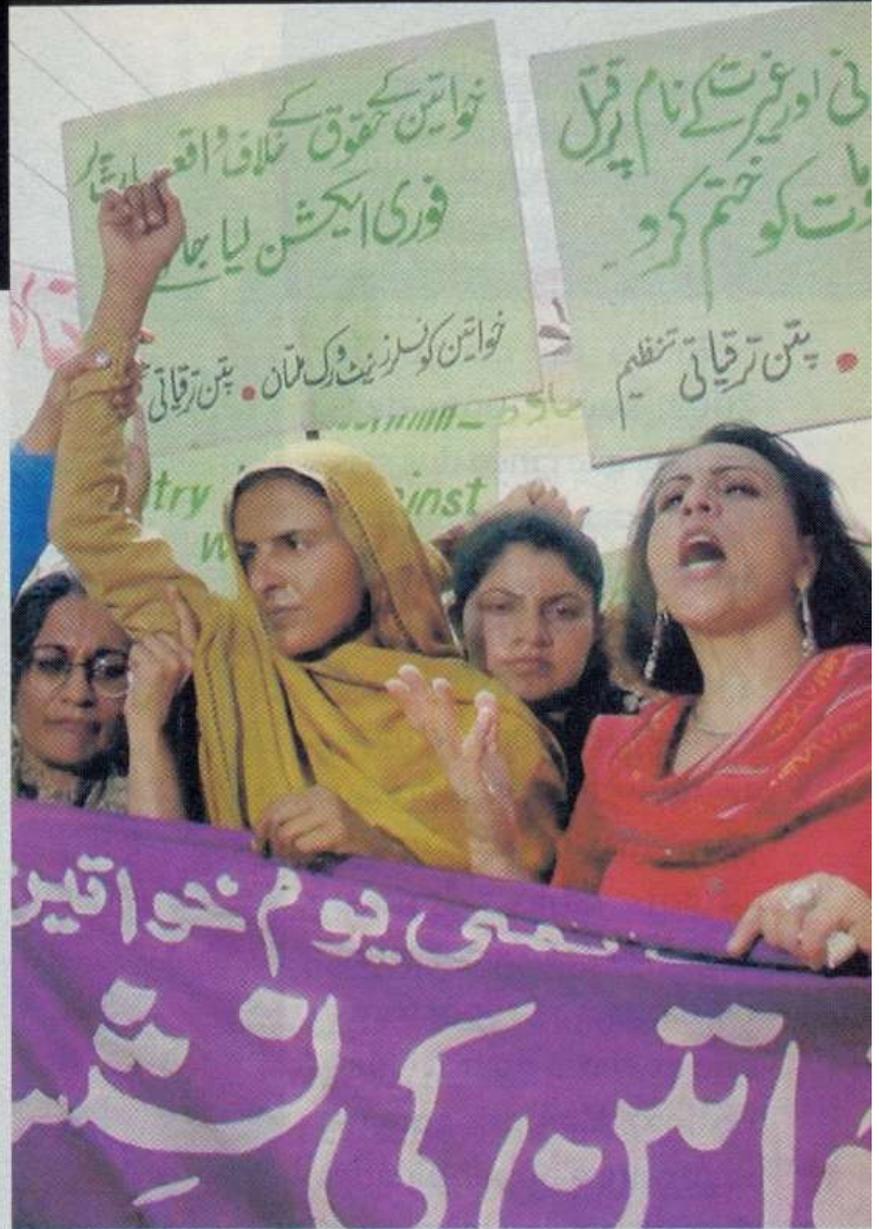
As escolas eram apenas parte do milagre de Mukhtar.

À medida que sua história se espalhava até pelas menores aldeias do Paquistão, mulheres começaram a aparecer à sua porta.

Algumas haviam sido estupradas, outras espancadas ou mutiladas por conta dos chamados crimes de “honra”. Chegavam com cicatrizes horripilantes no rosto, vítimas de ataques com ácido – ou sem nariz ou orelhas, punição comum para supostas adúlteras.

Essas mulheres recorriam à proteção, ao refúgio e, principalmente, à justiça de uma pessoa que se tornara a corporificação dos direitos das mulheres. Mukhtar abriu seu coração e sua bolsa para essas pobres pessoas e criou, ao lado da primeira escola, o Centro Mukhtar Mai de Assistência de Crise da Mulher.

Apesar disso, sua própria busca por justiça não acabara. Certo dia, recebeu um telefonema de seus advogados. “O Supremo Tribunal de Lahore vai examinar uma apelação dos *mastoi*”, disseram-lhe.



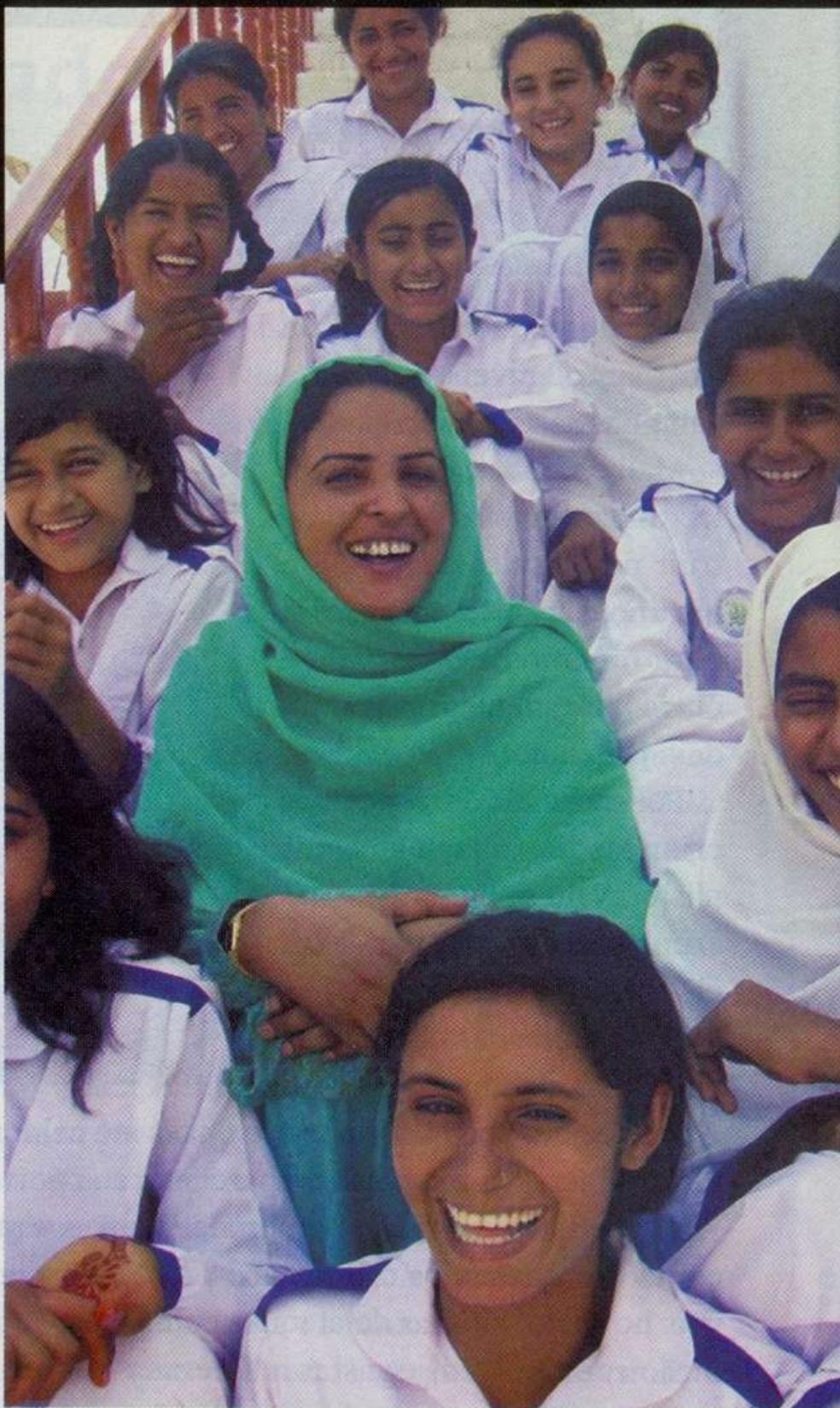
Mukhtar com as alunas em sua escola, em Mirvala. “Estas meninas, minhas irmãs, agora têm um futuro”, diz.

Em 5 de março de 2003, soube, com descrença, que cinco dos seis *mastoi* condenados (quatro por estupro) haviam sido absolvidos e estavam sendo libertados. O sexto teve a pena de morte comutada para prisão perpétua.

Dois dias depois, Mukhtar teve a coragem de dizer aos repórteres que apelaria do novo veredicto. Embora apavada ante a possibilidade de que os *mastoi* a matassem, prometeu que permaneceria em sua cidade natal. “Este é meu país, minha aldeia”, insistia ela.

Os ativistas dos direitos humanos protestaram contra o veredicto e carregaram faixas com mensagens que diziam: “Coragem, Mukhtar Mai. Estamos com você!”

Um protesto internacional fez com que o governo paquistanês intervisse e ordenasse que os *mastoi* voltassem à prisão e fossem submetidos a novo julgamento. Eles continuam presos, aguardando a data do novo julgamento. Mukhtar Mai continua a receber ameaças de morte e vive sob proteção policial 24 horas por dia.



Ninguém deixa de ser

Mirvala é o lar de aproximadamente cinco mil aldeões e cobre uma área de cerca de 130 km². Casas de tijolos caiadas brilham sob o sol do meio-dia. Os campos de trigo exibem um tom amarronzado. Palmeiras se elevam majestosas no calor do verão.

Atrás de portões de ferro ergue-se o conjunto de construções cercado de muros de quase dois metros de altura. Ali ficam a casa, a escola e o Centro Mukhtar Mai de Assistência de Crise da Mulher. Numa das seis salas de aula do térreo, de 37 m², as crianças recitam o alfabeto inglês, enquanto em outra um professor ensina pelo livro didático de Ciências em língua urdu.

Um pôster na parede mostra duas meninas, e a legenda diz: “Por que não nos manda para a escola? Pense nisso. Também vai ser bom para você.” Cabras e cães perambulam pelo lugar. Trabalhadores constroem mais salas de aulas que irão compor a nova escola de ensino médio.

No escritório do segundo andar, Mukhtar Mai, trajando xale e calças compridas, ambos amarelos, e chinelos brancos com motivos florais, ouve atentamente uma mulher do Punjab, Nasrin Bibi, explicar aos soluços como a filha de 7 anos, Quasar, foi estuprada e morta por vizinhos.

“Quasar saiu para comprar balas”, contou a mãe, chorando. Mukhtar delicadamente pega suas mãos. “Não a vi mais com vida.” Ela implora a Mukhtar que assegure que os assassinos sejam processados.

O irmão dela, Jam, prossegue com a história, enquanto Nasrin olha, ainda segurando com força a mão de Mukhtar. “Antes de enterrarem o corpo, jogaram ácido nele, para disfarçar.”

Dias depois, a família achou a menina enterrada numa cova rasa. “Seu rosto estava queimado pelo ácido, de modo que eles nem me deixaram ver minha filha morta”, grita Nasrin.

Mukhtar pede a um de seus assistentes que dê a Nasrin e a Jam o nome de um advogado que trabalha para o Centro, prestando serviços de aconselhamento nesses casos. Ela mesma falará com a polícia para ver se estão investigando o assassinato. A mãe pesarosa agradece.

Em média, cinco vítimas chegam todo dia ao Centro de Crise, em busca de auxílio. Mukhtar Mai não deixa de atender ninguém.

Hoje veio uma mulher cujo marido a espancou e escorraçou de casa aos chutes. Não tinha outro lugar para ir, a não ser o Centro de Mukhtar. Três

vítimas de estupro, todas apavoradas com a possibilidade de serem mortas pelo marido se voltarem para casa, estão há meses morando no centro.

Tudo isto tem um preço para Mukhtar Mai. Depois de ouvir a história de uma moça de 16 anos, Nasima Labano, estuprada por oito homens na província próxima de Sindh, ela quase desmoronou. O caso era estarrecidamente semelhante ao seu. Além de dar refúgio a Nasima, Mukhtar pagou as despesas com o advogado e o médico.

Mukhtar fala baixo e raramente olha no rosto de estranhos. Embora tenha viajado muito e obtido reconhecimento internacional, é muito tímida, e prefere que outros falem por ela. Suas maneiras gentis impõem respeito.

Sempre que ela entra no pátio do colégio, os alunos vêm e educadamente tocam no xale ou apertam-lhe a mão. “Quando estou com meus alunos, sinto-me em paz”, diz.

Mukhtar sorri quando vê Sidra Nazar, uma das alunas mais inteligentes da escola. A menina de 10 anos e olhos claros diz que quer ser médica. Há um ano, os pais de Sidra ameaçaram tirá-la do colégio porque haviam prometido casá-la com um homem de 30 anos. Mukhtar enfrentou a família, que desistiu da idéia. Sidra continua na escola, livre para perseguir seu sonho.

Com as escolas e o Centro de Assistência, Mukhtar salva mulheres paquistanesas da repressão da justiça tradicional, o mesmo sistema obsoleto que a tornou vítima de um estupro coletivo. Agora, as mulheres recorrem a ela, em vez de se submeter ao *panchayat* local. Como diz o ativista paquistanês de direitos humanos Rashid Rehman: “Contra todas as probabilidades, essa humilde camponesa liderou uma revolução silenciosa.”

Como a própria Mukhtar Mai costuma dizer, “Sou só a primeira gota d’água, mas a chuva virá. E muitas gotas de chuva acabam formando um grande rio.”

COISAS DO MUNDO MODERNO

Mandei um *e-mail* para a biblioteca da Universidade de Louisiana e recebi uma resposta bastante inusitada. Era um aviso que dizia: “O prédio está com problemas de acesso à Internet por causa de uma pane de energia. Se você precisa entrar em contato com alguém da biblioteca, use o telefone. Mas, saiba que, devido à falta de energia, o telefone também não está funcionando.”

Margaret Davis, EUA